MPF
mocidade
portuguesa
feminina

NATAL

SUMARIO

FORTUNATO ANJOS

N.º 20

Obra das Mãis pela Educação Nacional — **Mocidade Portuguesa Feminina**

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.os 4 a 10 — Lisboa

Boletim mensal ◆ Dezembro 1940 ◆ Assinatura ao ano 12$00 ◆ Preço avulso 1$00

COMO PRESÉPIOS

NATAL do Menino-Deus... E já andam nossas almas na ardência dessa saúdade que é sempre festa nova todos os anos, desde que um dia foi Natal em Belém...

Há já tantos, tantos anos!... Mas nunca é velho quem é eterno. E quem nasceu naquele dia foi o Senhor nosso Deus.

E desde então tôda a terra experimenta a cada hora o fruto e a graça do Nascimento daquele Menino — o Salvador.

O Mistério de *Jesus* anda tão prêso ao mistério do homem — que isto chegou a bastar para que um Deus se fizesse homem e aos homens fôsse dada a graça de se divinizarem...

O Natal é assim o abraço infinito, para lá ainda do infinito, que o Céu deu à Terra.

Quando uma vez se ouviu esta palavra: *«O Verbo se fez carne»*... nesse dia tinha-se operado o maior, o mais estupendo milagre de tôda a economia divina. A festa do Natal relembra cada ano êste milagre e esta graça.

* * *

Berços e presépios — há que prepará-los por tôda a parte:

Vai nascer o Menino Deus!

Concertem-se adufes e tímbalos, gaitas e flautas; que o musgo seja escolhido e aveludado e todos os caminhos que levam a Belém sejam arranjados e preparados como convém...

As vozes serão afinadas para os solenes e alegres cantares da Noite mais linda que tôda a roda do ano tem...

Berços e presépios... rendas e linhos, bem tecidos e brancos... Haja festa rija em nossa casa e levemos a festa a todo o campo, a tôdas as almas...

A VIRGEM E O MENINO — Escola de Verrocchio

Vai nascer o Menino Deus!

Haja festa sem sombras — festa sem nuvens... que seja festa tôda cheia de luzes e de harmonias e de bailados... festa nas almas tôdas purificadas para servirem de presépios e de berços, com rendas de tôdas as virtudes e linhos de tôdas as bemditas alegrias...

Almas-presépios...

Vai nascer o Menino Deus!

* * *

Vamos à romaria de Belém — vamos peregrinar em festa rija — e sejam açafates floridos e recheiados, os corações das moças portuguesas, a fazerem a ronda do Mistério Maior na solene liturgia das neves nos montes e nos vales e das aleluias cantantes nas almas... Ó faina das almas-presépios a alindarem as salas e os cantos todos dos peitos da mocidade para servirem de adro para a fogueira da noite sagrada — fogueira de amor divino — onde se virão aquecer as arrefecidas e as esquecidas — as que se perderam nos atalhos da indiferença e da cobardia — as que já não mais se lembram dos natais da meninice e da ceia quente da Vigília — e dos presépios que elas próprias talvez amaram...

Vai nascer o Menino Deus!

Almas presépios...

...na graça do Senhor... ...na alegria vitoriosa da Paz. ...da Paz de Deus em nós...

Ó gente moça:

canta e resa — resa e canta — em alegria e em paz e em virtude

Vai nascer o Menino Deus!

O. A.

A FESTA DO NATAL

GLÓRIA DE ANJOS
Escultura em barro do Séc. XVIII
Presépio de S. Vicente de Fora

A festa do Natal, conquanto mantenha ainda êste prestigio e ainda seja contada no número das grandes festas familiares, já não se reveste de carácter estruturalmente religioso e não constitue exagêro o avançar que, para a maior parte da gente que se preza — da «gente bem», como agora se diz por macaqueação dos castelhanos — tem cunho cada vez mais pagão.

Ainda, como outrora (e a atestar insofismàvelmente a origem religiosa) se divide em duas partes — Véspera e Dia — mas em qualquer delas, quanto à essência, não há diferença apreciável em relação a outra qualquer festa mundana.

O Natal está materializado e desvirtuado. Perdeu o encanto. Já não suscita ternura nos corações; já não rescende perfumes capitosos e alicientes.

Pois em que consiste sua celebração nos grandes centros urbanos, neste segundo quartel do século das luzes?

Apenas no que se resume a seguir:

Compra-se nm pinheirito que, em vez de queimar-se ou de plantar-se no quintal, se manda envasar na sala. Depois enfeita-se com luzes, ouropéis, vidrilhos, cromos, avelórios e bocadinhos de algodão em rama, que fingem neve que não cai. . .

Quando tudo está pronto, presta-se culto ao pinheiro — pelos vistos o objecto principal da função — comendo muito, bebendo muito mais e dançando até se estar rés-vés do esfalfamento.

Nas casas onde se dita leis em matéria de modas, quando a festa vai no auge, surge alguém vestido de amplo casacão talar, de côr escarlate, com farta bigodeira, e longas barbas postiças, muito brancas, transportando às costas uma saca de brinquedos e de presentes para os circunstantes. Esta espécie de mago, ou de feiticeiro é o Pai Natal, a corporização total da festa, já sucedâneo do convencionado «Menino Jesus» cuja única função conhecida era andar em azáfama pegada pelas chaminés, a atochar de bugigangas o calçado da miudagem . . .

No dia seguinte há lauto jantar, obrigado a perú e a muitos doces de copa e — pronto! — acabou-se o Natal.

Algumas pessoas ainda vão à «missa do galo», não tanto por devoção como pelo que tem de curioso — é a única missa que começa à meia noite. Cumprem assim o preceito e ficam livres para dançar e ingerir gulodices e *cocktails* até poder!...

•

Ora a festa do Natal não era assim e bom será que deixe do sê-lo para tornar às antigas práticas.

Outrora não se reverenciavam pinheiros; armavam-se presépios, mais ou menos vistosos, muito cheios de arrebiques, de bonèquinhos de barro, de cortiças rugosas (a imitar rochedos. . .) e de musgos fôfos, escoltados ou emmoldurados por alvinitentes «cabeleiras» de ervilhaca ou de trigo, cultivadas adrede em recintos escuros como a noite para que a clorofila não esverdeasse com a luz solar.

Na festa do Natal — festa cristã por excelência — em cada lar, do mais farto ao menos favorecido, estava Deus entronizado e, deixai que me exprima assim, Deus em Sua forma mais cativante, em Sua forma mais aproximada da da maioria dos homens. Recém-nascido em humilimo curral, privado do menor confôrto e da coisa mais mesquinha, nada podendo, em tudo dependente do amparo e do carinho dos semelhantes, mas já adorado pelos pobrezinhos — os pastores de Belém — enquanto os poderosos — personificados nos Magos do Oriente—ainda assomam nos longes, na cimeira dos montes, encarrapitados no dôrso de camêlos, guiados pela estrêla aparecida.

Não havia presentes para ninguém da casa ou se os havia não era Deus quem os fazia, antes eram feitos por seu amor. Era de uso cada qual oferecer alguma coisa ao Deus-Menino e o produto das ofertas lá ia todo inteirinho parar às mãos dos que — como Nosso Senhor — viviam na pobreza.

Ia-se à Missa da meia noite e ao depois vinha-se para junto do presépio a recitar orações e a cantar coplas e jaculatórias. E para retemperar o corpo do frio apanhado por fora de casa — quantas vezes debaixo de grandes pêsos de água, ou arrostando com as maiores inclemências do tempo — ceava-se de bacalhau com couves do ôrto (a véspera era d' jejum nunca infringido) e de saborosos fritos em calda. Por êsse pais fora começava então a romagem dos humildes, de porta em porta, a visitar os presépios de cada um e a cantarem, acompanhados pelas folias, as suas loas ao Deus Menino, loas em que transparecia fé intensa e ternura e amor extremes.

FIGURAS DO PRESÉPIO — *Escultura em barro do Séc. XVIII — Presépio da Madre de Deus*

Ó meu Menino Jesus,
Convosco é que estou bem.
Nada dêste mundo quero,
Nada me parece bem.

O Menino está com frio
Menino Deus da minha alma
E o frio o faz tremer.
Quem vos pudera valer!

Vinham aos magotes e porque não cabiam todos em casa, simbòlicamente, entravam só dois ou três, que traziam ao Menino Jesus qualquer coisinha insignificante — um raminho de murta, mais que não fôsse — e os donos da casa, fraternalmente, mandavam servir chouriça assada a tôda a companhia e pôr-lhe alguns pichéis de borbulhante vinho novo à disposição. E do meio dos cantores subiam, então, os agradecimentos expressos em quadras, (cantadas com a mesma música, que servira para saüdar o Menino) em que se elogiavam mais ou menos fluentemente os anfitriões.

O fadário continuava sem interrupção até o romper da alva. Então cada qual recolhia a penates com o estômago a impar e a cabeça meia tonta e escandecida de tanto salvar a quem lhe enchia o papinho!. . .

Ninguém, fôsse quem fôsse, se deitava sem ceia nesta grande noite, tam grande e expecional que até, corria na tradição oral, os pastores podiam abandonar os rebanhos com a certeza de que os lôbos neles não fariam prêsa. Até aqueles que a justiça mantinha encarcerados por detraz de grossos varões de ferro, tantas vezes por crimes hediondos — até êsses não eram esquecidos. E nas terras onde não havia Misericórdia não faltava quem os tomasse à sua guarda, porque nas outras era a Santa Casa quem se incumbia dêles.

FIGURAS DO PRESÉPIO — *Escultura em barro do Séc. XVIII — Presépio da Madre de Deus*

Festa admirável a do Natal dêsses tempos cada vez mais distantes, festa em que os homens voltavam a sentir-se irmãos, conglomerados em tôrno de figurações — tantas vezes lindas de se ficarem os olhos nelas! — do presépio de Belém, presente em todos os lares e, sobretudo, presente em todos os corações!

E é que os homens, de entretidos, de tanto entregues à alegria que lhes ia na alma, nem davam ouvidos às vozes do Céu, aos anjos que cantavam deliciosamente, arrebatadoramente, a grande doxologia — hino de eterna beleza — «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade»...

•

Era assim o Natal e, como disse, é míster que volte a sê-lo novamente. Não será dificil; será mesmo fácil; desde que a Mocidade Portuguesa — e a feminina muito especialmente — se proponha tal.

Voltemos a congregar-nos em redor do presépio e cantemos com alegria o Menino Jesus — porque nasceu homem como nós — e cantêmo-lo com amor — porque nasceu para nos remir e nos salvar pelo amor.

Voltemos a congregar-nos em tôrno do presépio, recitando do imo da alma — *sentindo-a* — a mais bela de quantas jaculatórias ao Deus Menino têm sido escritas nesta terra — a que o Padre Manuel Bernardes um dia, inspiradamente, lançou no papel:

Menino de minha alma, meu eterno nascido de inda agora, meu gracioso molhinho de amores-perfeitos, minhas belezas encantadoras do coração humano:

Faze-me serafim, para que te ame muito;

Dá-me limpeza grande em meus lábios para calçar teus pézinhos de mil ósculos santos;

Deixa cair das conchinhas de teus olhos uma lágrima sôbre o meu peito para que se abrande e acenda em claridade divina.

Voltemos a congregar-nos em volta do presépio pedindo a Deus Suas bênçãos para nós, para os nossos, para a nossa terra e para Portugal, impetrando de Sua Infinita Misericórdia que os homens se tornem no mundo inteiro «homens de boa vontade» para que possa haver verdadeira Paz e para que a Sua Glória possa ser completa e inteira, mercê de tôdas as gerações humanas estarem unidas e consagradas à tarefa de O glorificar.

Amen.

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Criança:
Se fôres à cidade,
e teus olhos virem pedras preciosas,

Não deixes o teu coração apegado
ao luxo faiscante dos diamantes,
nem das esmeraldas,
nem das ametistas,
nem dos rubins.

São pedras para as coroas dos reis
e para os anéis das princesas.

Podem resplandecer no oiro das custódias
e nas cruzes de prata das procissões.

Mas não devem ser o sonho
da tua vida!

Ama, sim, as pedras humildes,
que estão mais perto de ti,
e servem melhor para o teu caminho...

A pedra de fazer contas:
tão escura como a face da Noite,
mas onde o giz deixa, por esfôrço
dos teus dedos, um rasto alvíssimo
de estrêla!

A pedra da lareira:
Tão resignada que nem se queixa
debaixo do fogo e do fumo,
e que é, muitas vezes, o único abrigo
e alento dos pobres!

A pedra de ara,
que se esconde debaixo das toalhas puríssimas
dos altares!

A pedra do Cruzeiro,
heróica e simples,
que o teu amor a Portugal
ajudou a erguer,

Além, no Cabo da Roca,
onde a terra se acaba
e o mar começa...

A pedra dos moinhos,
que mói a farinha que há-de ser
o pão da tua bôca e a hóstia da tua fé!

A pedra das calçadas,
nua e gasta pelos pés
dos que vão para o trabalho, para a vida
ou para a morte!

A pedra de sal,
que foi ao teu baptismo e, indo aos teus alimentos,
por tua causa
se desfaz!

Eis as pedras cristãs
que o teu coração deve preferir.
São simples e úteis, fazem o bem
sem orgulhos, nelas fala o Evangelho.

Diz uma lenda bretã
que, no Natal de Cristo, ao dar nos sinos
a meia noite.

as pedras grandes das montanhas
abandonam os seus lugares

E descem ao fundo dos vales
a matar a sêde na água límpida
dos rios.

Debaixo dessas pedras
dormem, desde há séculos, tesoiros
encantados.

Alguns homens os quiseram
descobrir e dêles fazer
a sua riqueza.

Mas castigada fôra logo
a sua ambição.

Pois as pedras, regressando
aos sítios onde as colocara a mão de Deus,

Caíram sôbre os avarentos
e esmagaram-nos!

Não tenhas nunca desejos
que vão além da tua altura.

Para a alma andar contente
e ser feliz.

É melhor ser como os regatos da lenda:
dar de beber às pedras,
na humildade, e não subir aos montes
senão para medir mais fàcilmente
a nossa pequenez.

MOREIRA DAS NEVES

A devoção cristã não sabe separar, pelo Natal, o seu amor pelo Menino Jesus do amor pelos pobrezinhos.

Com o mesmo carinho com que se prepara o presépio, cosem-se roupinhas para os pobres, confundindo quási, no nosso coração, o Menino de Belém com os meninos que não nasceram numa lapinha mas tremem de frio como Êle!

As raparigas da «Mocidade», fieis à tradição que do Natal faz a festa dos pobrezinhos, vão distribuir, neste mês de Dezembro, agasalhos confeccionados por elas próprias.

Roupinhas quentes, que o amor com que foram trabalhadas parece que tornou mais quentinhas ainda...

Roupinhas que elas próprias gostam de vestir aos pequeninos, no afago das suas mãos carinhosas.

Por êsse Portugal fóra, quantas crianças, das cidades e dos campos, verão passar o Menino Jesus no doce sorriso duma filiada da «Mocidade»!

E quantos velhinhos sentirão menos o inverno — inverno do tempo e inverno dos anos — porque as nossas raparigas se lembraram dêles!

Este ano, também os vèlhinhos terão o seu quinhão nos *presentes* da «Mocidade».

Consola vêr brilhar os olhos já mortiços daqueles que precisam do azeite do nosso amor para reacender a luzinha da sua alegria!

Bemdito seja quem pensa no Natal dos pobrezinhos!

COCCINELLE

O PRESÉPIO

Para cumprirem a ordem que os mandava inscreverem-se no recenceamento da população da Palestina, Maria e José encontravam-se em Belem no dia 24 de Dezembro.

Ao descer a noite, não havendo lugar para eles em nenhuma hospedaria, acolheram-se num abrigo de animais, onde estavam recolhidos um burro e uma vaca.

Esse abrigo era uma gruta natural, cavada na rocha, com 12 metros de comprido por 4 de largura.

Foi ali, naquele lugar de inexcedivel pobreza, que nasceu o Salvador.

A gruta de Belem conserva-se ainda intacta, encerrada na Basilica da Natividade.

O pavimento, assim como as paredes rochosas, estão revestidas de marmore branco para proteger as pedras sagradas.

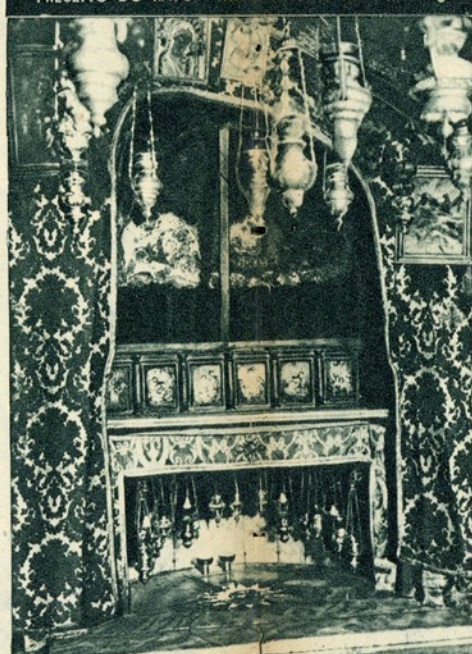
À esquerda de quem entra, a gruta forma uma pequena abside; debaixo dela, uma estrêla de prata, colocada sôbre jaspe, indica o lugar exacto onde nasceu Jesus: *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est.*

Cincoenta lampadas de oiro e prata, oferecidas pelos povos cristãos, ardem perpetuamente nesse lugar previlegiado. Ao lado, existe uma cavidade onde estava colocada a mangedora em que comiam os animais. Foi nessa pobre manjedoura de madeira, que um resto de palha tornava menos dura do que a rocha nua, que a Virgem Maria reclinou o seu divino Filho.

O que resta dessa manjedoura — alguns bocados de madeira — encontram-se em Roma, na Basilica de Santa Maria Maior, guardados num precioso relicário de *vermeil*, que na noite de Natal é exposto à veneração dos fieis.

Esta é a realidade. Mas a arte e a piedade teem idealisado, atravez dos séculos, muitos e variados presépios, que nem sempre obedecem à verdade histórica. Cada artista, segundo a influência da época e a sua própria inspiração, tem criado presépios a seu modo.

Durante séculos, o presépio não foi o *quadro vivo* que nos dão os presépios de figuras, moldadas em barro ou esculpidas na madeira. A pintura não lhe dava o mesmo emocionante relêvo. Foi S. Francisco de Assis, em 1223, que idealisou o presépio que deu origem aos presépios de figuras que se espalharam pelo mundo inteiro. Estava próximo o Natal. Conta-nos Tomás de Celano que S. Francisco chamou um dos seus frades e encarregou-o de reconstituir o nascimento de Jesus numa floresta perto do seu convento de Greccio, num lugar silencioso e recolhido que inspirasse devoção ao povo.

Escolheram uma gruta que lembrava a gruta de Belem; instalaram nela uma manjedoura verdadeira e deitaram sôbre a palha uma imagem do Menino. Ao lado, puzeram-lhe duas grandes imagens de Nossa Senhora e S. José. No fundo da gruta, prenderam um boi e um burro vivos. E para que tudo se assemelhasse o mais possivel ao nascimento do Menino de Belem, convidaram pastores para virem contemplar e adorar o divino Salvador.

S. Francisco não se contentou ainda em reconstituir o presépio com a maior realidade possível; quis que a scena tivesse verdadeira realidade sobrenatural, desejou que *na verdade* o Menino-Deus *ali* nascesse, e mandou armar um altar para ser celebrada a missa da meia noite. E asssim, dum modo mistico, mas tão real como no presépio de Belem, Jesus ali nasceu! Uma grande multidão assistiu à missa empunhando tochas acesas e S. Francisco, não podendo conter o seu amor, ajoelhou e tirou da manjedoura a imagem do Menino Jesus que apertou nos braços de encontro ao coração. E dizem que a imagem se animou e sorriu, num milagre de amor. S. Francisco, transportado de alegria, voltou-se para o povo e falou-lhe com uma doçura infinita daquele Menino que, sendo o Filho de Deus, veiu ao mundo para nos salvar.

E Tomás de Celano termina a sua narrativa dizendo que quási tôda a noite ali ficaram a ouvir S. Francisco e a adorar o Menino; e quando regressaram aos seus lares, levavam o coração tão cheio de amor divino, qué, pelos caminhos, todos iam louvando a Deus! Daí começou a devoção de armar o presépio pelo Natal. Dos conventos e das igrejas o costume passou para os lares e da Itália espalhou-se pelo mundo inteiro. Todos os cristãos sentiram gôsto em ter um presépio, em preparar um berço para o Menino Jesus no seu próprio lar. Nas igrejas surgiram verdadeiras obras de arte, com dezenas e até centenas de figuras, com revoadas de anjos, pastores, os reis magos etc.; presépios em que as figuras se multiplicam em scenas intimas e onde os costumes populares tomam expressões encantadoras.

Um sôpro de vida e de alegria anima essas figuras: todas elas parecem ter ouvido a voz do Anjo: «Eis que vos anuncio uma grande alegria!»

Nasceu Jesus! E' essa a alegria que movimenta a terra inteira e atrai para o presépio o coração dos homens!

Mas nem todos podiam ter um presépio artístico ou com numerosas figuras. E cada um se foi contentando com o presépio que podia arranjar: desde que tivesse o Menino, sua Mãi e S. José — a sagrada família — era o que importava!

E ainda hoje o que importa é que na nossa casa exista um berço para o Menino Jesus...

MARIA JOANA MENDES LEAL

PRESÉPIO DO RATO — Museu Nacional de Arte Antiga

BASÍLICA DA NATIVIDADE
Marcado com a estrêla o lugar onde nasceu Jesus

PILAR PRIMO DE RIVERA

PILAR Primo de Rivera, do Conselho Nacional da Falange, esteve em Portugal, acompanhada pela sua Secretária particular, Maria Antónia San Román, e a Chefe de propaganda exterior, Maria Ontiveros.

Durante a semana que passaram entre nós foram hospedas da Senhora Condessa de Monte Real, Presidente da Junta Central da O. M. E. N.

De regresso a Espanha, Pilar Primo de Rivera enviou-nos, com as palavras que abaixo publicamos, a sua fotografia, oferecida à M. P. F.

Foi um modo gentil de nos fazer sentir a sua simpatia. Simpatia que sinceramente retribuimos.

A *Falange* e a *Mocidade* não poderiam deixar de se compreender e apreciar, porque ambas são da parte dos seus fundadores e dirigentes uma obra de fé e confiança, que deseja criar na mulher um espírito novo que corresponda a uma renovação de princípios e de vida, de que resulte o engrandecimento da Nação.

E porque o ideal é o mesmo, está naturalmente indicado que, como o deseja Pilar Primo de Rivera e como nós o desejamos também, entre as duas organizações se estabeleça uma colaboração estreita, apoiada numa forte amizade.

Esta visita a Portugal foi o primeiro passo. Outros se lhe seguirão para uma aproximação proveitosa tanto para a *Falange* como para a *Mocidade*.

DEPOIS de visitar a Mocidade Portuguesa Feminina, vi como esta Organização da Nação irmã se ocupa, como a nossa, antes de mais nada, da formação moral e patriótica das suas filiadas.

Vi também como a Obra das Mãis se dedica exemplarmente às famílias numerosas e como se ocupa dos pequeninos, mesmo antes do seu nascimento.

Assim deve ser, porque só conservando integralmente à família todo o seu sentido cristão, se fazem grandes as nações.

Que proveitosa foi para nós esta viagem a Portugal! Tivemos ocasião de ver de perto e de admirar esta Nação que tem uma história tão gloriosa, e que, apezar de estarmos tão próximos, não conheciamos ainda bem.

Mas, desde agora, isto não voltará a acontecer, porque iremos nós lá e vireis vós aqui, para que o conhecimento mútuo seja cada vez mais estreito e mais forte a nossa amizade, já que a nossa fé tem o mesmo entusiasmo ambicioso de salvar a civilisação cristã e já que as duas Nações teem uns Chefes capazes de triunfar com as emprêsas mais arrojadas.

Viva Salazar! Viva Franco! Viva Portugal! Arriba Espanha!

Madrid, 12 de Novembro de 1940

Pilar Primo de Rivera

FESTAS QUE ACABAM... AMÔR QUE CONTINUA...

Foto Beleza, Guimarães

Acabam de ser encerradas, no dia 2 de Dezembro, as nossas festas jubilares. Mas seria bem triste se, por as festas terem terminado, esmorecesse o nosso amor por Portugal. Devemos conservar a devoção da Pátria e não perder ocasião alguma de a reavivar. Logo nêste mês de Dezembro temos duas festas que vão prolongar, dentro do nosso próprio coração, as festas nacionais que oficialmente foram encerradas: a festa de Nossa Senhora da Conceição e a festa do Natal.

Como poderiamos, nós que amamos a nossa Pátria, deixar passar despercebido o dia 8 de Dezembro, em que se festeja Aquela a quem D. João IV, em seu nome e de todos os portugueses, proclamou Padroeira de reino?

A M. P. F. reunir-se-á nesse dia aos pés de Nossa Senhora da Conceição para lhe renovar a consagração de Portugal e para festejar o "Dia da Mai", que, nêste ano glorioso de 1940, por uma feliz coincidência, cai precisamente no dia 8: dia da Padroeira.

Que grande festa deve ser para nós êste dia?

Por amor de Portugal — de quem a Imaculada Conceição é Madrinha e Senhora...

Por amor das nossas mãis — a quem queremos mostrar carinhosamente todo o amor do nosso coração...

Mas, nêste mês de Dezembro, passa ainda outra grande festa que devemos viver com fé e patriotismo.

Lembremo-nos do grande milagre sucedido na nossa terra...

A casa da Sagrada Família em Nazaré foi transportada misteriosamente pelos Anjos para Loreto. Maior milagre aconteceu em Portugal!... Ao erguer, por devoção a Nossa Senhora, a capelinha do Restelo, a que deu o nome predestinado de Santa Maria de Belem, o Infante D. Henrique mudou para terras portuguesas a gruta de Belem! E Portugal, tão pequenino, ficou tendo o mesmo destino glorioso dessa terra pequenina que excedeu a todas em glória. Em Belem da Galileia nasceu Jesus... No nosso Belem, à beirinha do Tejo, quantas naus dali partiram, quantas vezes Jesus nasceu para novos povos, novos mundos!

Maria dignou-se confiar Jesus aos portugueses, que O levaram mar fóra, e com Ele chegou a luz às trevas, a esperança aos oprimidos, o amor a todos os homens!

Quando ajoelharmos junto do presépio do Menino de Belem, lembremo-nos que apesar do tempo das descobertas e conquistas já ter terminado, a graça de Belem continua a ser a missão dos portugueses: dar Cristo ao mundo!

Revivamos a nossa história, renovemos as nossas tradições cristãs. Que, nêste Natal, o coração de cada filiada da M. P. F. seja Belem para receber Jesus e para dar às almas Aquele que é a Luz e a Vida e que a todos os homens de boa vontade que O recebem dá o poder de se tornarem filhos de Deus!

Feliz Natal

PEÇA EM 2 QUADROS

PERSONAGENS:

A voz da Mãi
Zé da Lavadeira, 7 anos
Quim . . . . . . 8 anos
Janeco . . . . . 6 anos
Milinha . . . . . 4 anos
(Quim, Janeco e Milinha: *de bibes*)
Chico e Ludovina *(personagens mudos)*

PRIMEIRO QUADRO

Na casa das brincadeiras (nursery). Janeco *está deitado no chão, a brincar com um comboio.* Milinha *adormece a boneca, cantarolando baixinho.* Quim, *scismático, está meio estendido numa vasta poltrona.*

JANECO *(de si para si)* — Não sei o que me traz êste ano o Pai Natal; mas gostava que fossem mais comboios, mais automóveis...

QUIM *(com fôrça)* — Não é o Pai Natal nada: êsse é noutras terras. Cá na nossa não é êle.

JANECO *(indignado)* — A Fraulein até já o tem visto!

QUIM *(desdenhoso)* — Em Portugal não é o Pai Natal que traz as coisas.

MILINHA *(aproximando-se radiante)* — E' o Menino Jesus!

JANECO *(teimando)* — Mas a Fraulein...

QUIM *(levantando-se)* — Eu por mim, o que peço é um Mecano verdadeiro, e dos grandes, sabem vocês?

MILINHA *(aconchegando a boneca)* — Eu queria bonecas, muitas, muitas...

JANECO — A menina é uma piègas.

QUIM *(contente)* — Que linda vai ser a nossa árvore êste ano: o Pai encomendou um pinheiro estupendo, eu sei!

JANECO *(entusiasmado)* — Ontem veiu uma caixa enorme para a Mãi: se calhar são velas e prendas, e coisas que brilham!

MILINHA — E estrelinhas de prata!
(Zé da lavadeira espreita).

QUIM *(admirado)* — Quem é você?

MILINHA *(amável)* — Queres vêr esta minha filha? Está doente, partiu a cabeça!

JANECO — Entra, para veres o meu comboio!

(Zé da lavadeira, risonho, esgadelhado, enfarruscado, tímido, descalço, remendado, entra devagar).

ZÉ *(coçando a cabeça)* — Ê cá sou o *Zé*: a minha mãi é lavadêra; a gente semos de Loures.

QUIM — Olha, estavamos a falar do Natal que é já daqui a dias. Na tua casa também têm Árvore?

JANECO — Um pinheiro cheio de coisas lindas!

MILINHA — E luzes, tantas, tantas!

ZE' *(admirado)* — Lá em Loures os pinheiros não dão luzes; e mesmo pinhas boas só os mansos. *(Todos riem).*

QUIM *(rindo)* — Oh pateta, as luzes e as coisas que brilham é a Mãi que as põe lá!

ZE' *(muito digno)* — A minha Mãi é lavadêra.

MILINHA — E o Menino Jesus vai lá pela chaminé levar brinquedos?

ZE' *(triste)* — É cá nan n'o conheço! E ninguém leva brinquedos à gente!

MILINHA *(consolando-o)* — Queres a minha filha? *(oferecendo a boneca).*

JANECA *(empurrando-a)* — A menina é tola! Os homens não gostam de bonecas.

ZE' *(agradecendo a Milinha).* — Muito agradecido à menina: e se m'a quer dar, ê cá levo-a à minha mana Ludovina que nan tem nenhuma. *(Milinha, chorando, entrega-lhe a boneca).*

QUIM *(abraçando a irmã)* — Oh Milinha não chore: com certeza que o Menino Jesus lhe traz outra filha, ouviu? *(Para Zé).* Então nunca ninguém te ensinou o que é o Natal? E quem é o Menino Jesus?

ZÉ *(envergonhado)* — Saiba vocemecê que não.

JANECO — Vamos mostrar-lhe o nosso livro grande, sim?

MILINHA *(pegando no livro e abrindo-o sôbre a mesa)* — Olha o Presépio, não é lindo?

QUIM *(explicando)* — Foi em Belem, lá no Oriente, que nasceu o Menino Jesus numas palhinhas!

JANECO *(apontando)* — Vês aqui Nossa Senhora, a Mãi do Menino?

ZÉ *(encantado)* — Que linda! *(Ouve-se chamar — oh Zé! oh Zé!)*

QUIM *(agarrando-lhe os braços)* — Queres que te conte amanhã a História de Nosso Senhor Jesus Cristo? E como Ele veiu a êste mundo para nos salvar? *(Zé abana a cabeça).*

JANECO *(triste)* — E como Ele morreu pregado numa Cruz?

MILINHA — E como Ele vem no Natal pelas chaminés trazer coisas lindas, lindas...

QUIM — Olha, *Zé*, agora estão-te a chamar, tens de te ir embora. Mas amanhã voltas cá, e nós ensinamos-te. E depois... *(Quim parou, pensativo).*

ZÉ *(ancioso)* — Depois??...

JANECO e MILINHA — Depois??

QUIM *(contente)* — Queres vir cá na noite de Natal?

ZÉ *(casmurro)* — Ê cá nan posso! Então a minha Ludovina e o meu Chico haviam de me vêr sair no dia da festa e eles ficavam por lá sem vêr nada?? *(Ficam todos calados e tristes, ouve-se chamar perto — Oh Zé!)*

QUIM *(resoluto)* — Olha, *Zé*, se tu ficares sabendo a História de Nosso Senhor para assim pedires ao Menino que vá também à tua casa, a Mãi convida-te a vires cá na noite do Natal!

ZÉ *(radiante)* — Com a minha Ludovina? Com o meu Chico?

QUIM, JANECO e MILINHA *(fazendo uma roda com o próprio Zé, saltando)* — Sim! Sim! Sim.

CAI O PANO

SEGUNDO QUADRO

Numa sala grande: a meio está uma cortina, ou portas largas fechadas. No compartimento para lá da cortina deve estar armada uma Árvore de Natal, acêsa e brilhante, e o Presépio. Para cá da cortina, estão os 3 pequenos ricos, bem vestidos e bem penteados.

QUIM *(escutando à porta)* — Ainda os não oiço!

JANECO *(dum lado para o outro, impaciente)* — Se calhar a tal Ludovina ou o famoso Chico não querem vir.

QUIM — Teem vergonha.

MILINHA *(sentada, com juizo)* — Eles são maus?

QUIM *(aborrecido)* — A menina é parva!

MILINHA — Então porque é que teem vergonha?

JANECO — Não têm vergonha nada, pronto. *(Ouve-se tocar à campainha com fôrça).*

QUIM *(abrindo a porta)* — São êles! São êles!

(Janeco e Milinha correm para a porta; entra Zé, e atraz dêle, muito envergonhados, Ludovina e Chico. Vêm descalços mas limpos; com casacos remendados e os cabelos puxados para traz com água).

ZE' *(sorrindo e puxando os irmãos para deante de si)* — Cá estêmos os três, menino Jaquim.

MILINHA *(amável, pegando na mão de Ludovina que não levanta a cabeça e puxa para traz)* — Anda cá, Vina, vamos para ali sentar-nos. Olha vês aquela cortina? Daqui a nada... abre-se! *(Ludovina e Chico não dizem nada).*

ZE' *(dando um safanão ao irmão)* — Você não sabe falar? Já l'insenei o que havia de dizer aos meninos e você... caluda!

(Mas nesta altura toca uma forte campainhada; os pequenos ricos saltam de contentes; Zé pára e olha, a rir de bôca aberta. Chico e Ludovina, de mão dada, olham espantados e assustados. A cortina abre para os dois lados e vê-se a Árvore, deslumbrante. A um lado está armado o Presépio de Belem). A voz da Mãi, diz:

— Aproximem-se, filhos! E deem as mãos aos pobresinhos. Lembrem-se que o Menino Jesus nasceu pobresinho também... — *(O orgão (ou piano) começa a tocar o cantico. Quim dá a mão a Ludovina, Janeco a Milinha, que pega na mão de Chico).*

QUIM — Cantem bem, e tu, *Zé*, não fiques calado!

ZÉ — Ê cá já ins'nei aos miúdos a cantiga do Menino Jesus! *(cantam todos)*

Neste dia de Natal
Um Menino nos nasceu
Sua Mãi, Nossa Senhora,
De carinhos O encheu!

Emquanto cantam, rodeiam a Arvore, radiantes.

Cantemos com devoção
Nossos cantos de alegria!
É a festa do Natal
Nasceu Jesus neste dia!

CAI O PANO DEVAGARINHO

O NATAL NO LAR

O Natal, que é a festa do Menino Jesus, não poderia deixar de ser a festa das crianças, e, quando se pensa em crianças, vem logo a idéia da família.

O Natal é a grande festa da família.

Tanto nas casas ricas como nas casas pobres, é preciso que a noite e o dia de Natal não sejam uma noite e um dia como outros quaisquer, mas uma festa luminosa, uma festa florida, uma festa de fé e de amor — uma festa de alegria!

E a alegria dependerá mais do ambiente agradável e carinhoso que soubermos preparar do que do luxo da casa ou do preço que possam custar os nossos presentes. O que é indispensável é que seja *Natal* no nosso lar, e para isso, antes de mais nada, o lugar de honra devemos dá-lo ao presépio. Como seria *Natal*, se faltasse o Menino Jesus?! Por conseguinte, a primeira compra a fazer será uma imagem do Menino Jesus (se ainda não a possuímos). E se nos forem permitidas despêsas mais largas, poderemos enriquecer o nosso presépio com as imagens de N.ª Senhora e de S. José, com os pastores e seus rebanhos, e os Reis Magos, etc., etc. Como se prepara um presépio? A' falta de melhor, poderemos construir uma gruta com cortiça ou com papel de embrulho, que se amarrota *artisticamente* para imitar os rochedos; dão-se umas pinceladas escuras para que a imitação seja mais perfeita, e umas pinceladas brancas para fingir a neve... Com heras, urze e musgo, ficará a parecer... uma gruta verdadeira! A gruta poderá elevar-se, atrás do presépio, figurando uma montanha pelos carreirinhos da qual vêm descendo os Reis Magos, etc.

É junto ao presépio que a árvore do Natal se deve erguer. Pouco custa prepará-la. As velas pequeninas, depois de acesas, dar-lhe-ão vida, e as grinaldas prateadas, as bolas de vidro, as nozes douradas, as estrêlas de prata, os anjos de papel, etc., não só a tornarão vistosa, como encobrirão a pobreza dos brinquedos, se estes forem poucos ou dos mais baratinhos. Um boneco de 10 tostões, pendurado num pinheiro ornamentado, parecerá valer dez vezes mais. Não havendo árvore do Natal, colocam-se os presentes na chaminé, e então, esta, deve também ornamentar-se. Tanto os brinquedos para as crianças como os presentes para as pessoas crescidas, — devemos lembrar-nos de todos — se valorisam arranjados com gôsto. Se estiverem metidos em caixas, embrulhemo-las em papéis vistosos e atemo-las com um laço de fita. Estes pequenos *nadas* significam mimo e dão beleza. Se os presentes ficarem a descoberto, devemos dispô-los com graça, para que a impressão recebida, por grandes e miúdos, seja também agradável. Tôda a casa deve ter a nota festiva do Natal. Discretamente, coloquemos, aqui e acolá, um ramo de azevinho ou gibardeira, uma bola de vidro colorido, uma estrêla...

Não devemos também esquecer a mesa da ceia do Natal e do jantar do dia da festa. Escolhamos a toalha mais bonita, as louças e os vidros mais finos. Se possuirmos candelabros, acendamos as velas tôdas. Enfeitemos a mesa com flores ou com um pequenino pinheiro; espalhemos pela mesa figurinhas do presépios, entremeadas com grinaldas de verdura, onde brilhem bagas vermelhas. Enfeites característicos do Natal. Se na casa existem crianças, ensinemos-lhes a cantar, para a noite do Natal, coros em honra do Menino Jesus. Há cânticos populares tão lindos e tão cheios de devoção! Não descuremos nada que possa dar à festa do Natal o seu verdadeiro sentido: «Um Menino nos foi dado»... É grande a nossa alegria! Mas êsse Menino é o Filho de Deus. Não deve ser uma festa mundana e de distracções pagãs, a nossa festa de Natal. Mas uma festa divina que traga Jesus ao nosso lar.